



## **Comunicação Científica de Iniciação à Docência DIFERENÇA EM TEMPOS DE BIOPOLÍTICA: O CURRÍCULO COMO MÁQUINA ABSTRATA DE ROSTIDADES**

**Amarildo Inácio dos Santos<sup>1\*</sup>  
Gicele Maria Cervi<sup>2</sup>**

Eixo Temático: 5. Educação e diferenças

### **Resumo expandido:**

O trabalho apresentado está vinculado à pesquisa de mestrado<sup>3</sup> do autor, cujo objetivo é cartografar a produção de rostidades no cotidiano escolar. O referencial teórico utilizado na pesquisa compõe-se por obras de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1995; 1996; 2000), sobretudo no que se refere aos conceitos de “máquina abstrata de rostidades”, “rosto” e “diferença”. Sandra Corazza (2001) é mobilizada para problematizar o currículo como produtor e reproduzidor da diversidade. Gicele Maria Cervi (2010), Julia Varela e Fernando Alvarez-Uria (1992), por sua vez, são convocados para pensar a escola como maquinaria de produção de subjetividades correlatas ao seu tempo. Os escritos dos autores Virgínia Kastrup, Eduardo Passos e Liliana da Escóssia (2009) são utilizados para fundamentar o conceito de “método da cartografia”. Trata-se, portanto, de uma pesquisa de metodologia cartográfica na qual o autor fará uso de diário de campo em suas observações. De acordo com Escóssia, Kastrup e Passos (2009), cartografar é acompanhar os processos, neste caso, a produção de rostos no cotidiano escolar. Por fim, Michel Foucault (1999; 2010) é acionado para mobilizar os conceitos de “relações de poder” e “biopolítica”. Sobre isso ele escreve que o poder, entre o fim do século XVIII e início do XIX, deixa de ser direcionado aos indivíduos e passa a ser dirigido ao conjunto das populações (FOUCAULT, 2010). A fim de gerir essas populações, são criadas várias instituições como hospitais, presídios, escolas. O

<sup>1</sup> Universidade Regional de Blumenau – FURB. Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado em Educação. E-mail: amarildoinacio.ds@gmail.com

<sup>2</sup> Professora doutora no Programa de Pós-graduação em Educação – Mestrado em Educação da Universidade Regional de Blumenau – FURB. E-mail: Gicele.cervi@gmail.com

<sup>3</sup> A pesquisa está em desenvolvimento no Curso de Pós-Graduação - Mestrado em Educação - da Universidade Regional de Blumenau/SC, sob orientação da professora Dra. Gicele Maria Cervi.



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

objetivo delas é produzir as subjetividades necessárias ao novo paradigma que prioriza a normalização e a padronização de comportamentos e pensamentos. Nesta perspectiva, as diferenças tornam-se foco de discursos e vigilância constante nestas instituições. Cervi (2010), Varela e Alvarez-Uria (1992) escrevem que a escola é uma instituição inventada na Modernidade a fim de produzir mentes e corpos adequados ao seu tempo. Neste cenário, que com algumas mudanças persiste atualmente, o presente trabalho visa localizar o campo conceitual da pesquisa em desenvolvimento e promover uma breve discussão acerca do currículo como máquina abstrata de rostidades na escola e sua relação com a diferença. Entendendo diferença, aqui, não como aquela que se opõe a algo, como o oposto, a representação de algo que difere, a identidade do outro, mas como a diferença em si mesma, aquela que escapa da representação, é a-significante, conforme pensada por Deleuze (2000). Sandra Corazza (2004) argumenta que o currículo é uma linguagem, uma prática social discursiva e não-discursiva que materializa nas instituições escolares os saberes, regras, preceitos morais, os diferentes modos de ser sujeito. Ou seja, o currículo molda as formas como pensamos, sentimos, nos comunicamos, participamos (ou não), interagimos, nos tornamos docentes, enfim, o currículo produz rostidades. No que se refere à escola, pode-se falar em produção de rostidades docentes e discentes. Deste modo, se o currículo funciona como máquina abstrata de produção de rostidades, importa compreender o que é o rosto. Em nosso corpo, o rosto é o local onde se inscrevem as feições, as características que nos permitem “ler” o outro, reconhecê-lo, deduzir seu estado de espírito, etc. Por isso, Deleuze e Guattari (1996), a partir dessa analogia, criam um conceito para referir-se aos códigos sociais mobilizados para a significação dos indivíduos. A partir das características que cada pessoa apresenta, a máquina abstrata de rostidades lhe atribuirá um rosto que será socialmente cognoscível, isso permite que o sujeito seja reconhecido, significado. Ao capturar e rostificar as diferenças, os corpos são marcados, pois o rosto, como escrevem Deleuze e Guattari (1996), é produção social, uma política, e carrega consigo sentidos que podem ser socialmente legitimados ou não. Esses sentidos são transferidos aos indivíduos rostificados produzindo efeitos de poder sobre seus corpos. Portanto, o currículo não é neutro, pois visa produzir subjetividades específicas que interessam ao seu tempo,



### **Comunicação Científica de Iniciação à Docência**

atualmente, o modelo neoliberal de estado. Se o currículo visa produzir subjetividades conformes, normalizadas, então o desconhecido, o a-significante, e, portanto, a diferença, torna-se um problema, sobretudo em tempos de biopolítica, tempos nos quais a uniformização é a norma. Diante disso, pode-se pensar a formação de professores, e dentro dessa perspectiva o PIBID<sup>4</sup>, como forma de escapar do currículo engessado que rostifica práticas, saberes e sujeitos na escola. O currículo funciona como uma máquina abstrata de rostidades no cotidiano escolar. Captura corpos e lhes atribui diferentes rostidades que subjetivam os indivíduos, constroem verdades sobre eles. Verdades que os descrevem, significam, produzindo sobre eles efeitos de poder à medida que produzem a norma fazendo surgir seu oposto, o diverso, que é deslegitimado discursivamente. Sobre o diverso, uma série de discursos sobre tolerância são mobilizados a fim de capturá-los, rostificá-los e significá-los. Nesta perspectiva, a escola, como argumenta Cervi (2010) produz, por meio do currículo, subjetividades legitimadas e deslegitimadas, produz rostidades. A partir disso, podemos pensar os docentes. Seus fazeres e práticas são rostificados, significados e desse processo resulta uma hierarquização dos modos de ser professor. Os fazeres docentes que estiverem alinhados à lógica de seu tempo, portanto a perspectiva neoliberal, são apontados como o modelo a ser seguido, a norma. Os demais serão os outros, os desqualificados sobre os quais uma série de discursos produzirão verdades fazendo surgir a necessidade de uma constante formação e qualificação destes profissionais, pois o motor do neoliberalismo, como assinala Foucault (2010) é a concorrência. Dentro desta perspectiva biopolítica, a formação de professores assume lugar de destaque e a partir dessa alta demanda por formação, proliferam cursos de formação continuada que, como escreve Nóvoa (2009), colocam os docentes em uma constante corrida na qual eles jamais alcançarão a linha de chegada, pois a lógica de mercado atual impõe que eles estejam sempre em processo de formação, não importa a chegada, mas sim o estar correndo. É o currículo funcionando em seu sentido literal, pista de corrida<sup>5</sup>. Quem parar, fica para trás, torna-se obsoleto, e, por isso, é excluído. Trata-se da criação da necessidade de formação continuada e ininterrupta. Nesse

<sup>4</sup> Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

<sup>5</sup> A palavra currículo, vem do latim *curriculum*, e tem alguns significados, entre eles, “pista de corrida”.



### Comunicação Científica de Iniciação à Docência

sentido, O PIBID é uma possibilidade de formação continuada que escapa aos moldes neoliberais de estado, pois está atrelado à formação docente. Os futuros docentes têm a possibilidade de conhecer formas de escapar do currículo rígido, reinventá-lo antes de ir ao campo de trabalho. É um diálogo entre pares, uma troca de experiências entre profissionais mais experientes e iniciantes. Um diálogo que pode potencializar as formações para além do modelo, da norma, da identidade. Habitar o PIBID como bolsista e pesquisador é mover-se em possibilidades em terras tão arrasadas, tão enfraquecidas como são as terras de formação de professores.

**Palavras-chave:** Biopolítica, Currículo, Diferença, Escola, Rostidade.

### Referências

CERVI, Giceli Maria. **Política de gestão escolar na sociedade de controle**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que quer um currículo?: pesquisas pós-críticas em educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 1v, il. (Trans).

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. 3v, il. (Trans).

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Lisboa: Relógio d Água, 2000.

ESCÓSSIA, Liliana da; KASTRUP, Virgínia; PASSOS, Eduardo. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Lisboa, PT: Edições 70, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

NÓVOA, António. **Professores: imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

VARELA, Julia; ALVAREZ-URIA, Fernando. **A maquinaria escola**. Teoria & Educação, São Paulo, n. 6, p. 68-96, 1992.